

A QUESTÃO DA CIVILIZAÇÃO NAS OBRAS LITERÁRIAS DE JOSÉ VERÍSSIMO

UFPA - Maira Wanderley Neves ¹

RESUMO: Nesta pesquisa buscou-se estabelecer as relações existentes entre o cenário intelectual paraense, assim, como também as interseções que esta mantém com os homens da política; como este cenário intelectual pode ser pensado de forma mais ampla, onde se possa observar quais instrumentos esses homens de letras utilizaram para legitimar seu espaço na sociedade, assim como as idéias sobre a Amazônia e como esta estava inserida na modernidade oitocentista, passando pelas discussões sobre progresso e civilização. Para isso analisamos as obras de José Veríssimo, numa tentativa de perceber como se estruturava (simbolicamente) o cenário intelectual na virada do século XIX, e quais os símbolos que davam forma a esses homens. Com isso vemos José Veríssimo como um homem que buscou, como tantos outros, um lugar nas discussões nacionais, legitimando-se como intelectual. Essa busca por legitimação se faz presente na intelectualidade desse período, que não apenas sonhava com um novo Brasil que ajudaria a construir, mas lutava também por garantir seu lugar nele, um lugar que estava sendo criado cotidianamente, e que precisava ser necessário.

Palavra Chave: Intelectual, imprensa, modernidade oitocentista.

A proposta do projeto “Homens de Letras” ² surgiu com a intenção de analisar a intelectualidade paraense no século XIX e virada do século XX, percebendo a interlocução que esses homens tiveram com os discursos e propostas políticas dos governantes paraenses nesse período. Procurou-se com isso, buscar o *fazer-se* do que se considera “intelectual” que coloca determinados homens em lugares sociais e simbólicos na sociedade, onde são vistos e reconhecidos por isso.

Tomamos como centro da discussão os escritos de José Veríssimo (1857-1916), acreditando que sua importância se encontra no reconhecimento deste enquanto intelectual não somente no Pará, sua região de origem e onde inicia sua carreira intelectual, mas no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, onde percebemos a sua consolidação enquanto crítico literário. Ressaltando também, seu reconhecido engajamento com a causa Amazônica, o que nos possibilita ampla discussão acerca das propostas e problemas a respeito da região incluindo a forma como essa pretendia ser exibida, ressaltando o próprio significado de tal engajamento para a época, muitas vezes pensado como instrumento de legitimação.

Nesse sentido é importante ressaltar o momento em que estas questões estão sendo problematizadas. Pensar que aquela virada de século (XIX/XX) é marcada por uma incansável luta simbólica, onde precisava-se forjar um passado – monárquico – e com isso inventar também um futuro, o futuro de uma República que traria consigo as benesses das idéias de modernidade, civilização e progresso. Idéias essas que foram associadas a própria idéia de República, e assim percebemos que “civilização, modernidade e progresso” deveria simbolizar o caminhar rumo a novos tempos, deveria simbolizar o novo, a República.

¹ Maira Wanderley Neves.

Atualmente me encontro concluindo meu curso de especialização em História Social da Amazônia, na Universidade Federal do Pará.
mairawanderley@yahoo.com.br

² O Projeto “OS HOMENS DAS LETRAS: o fazer-se intelectual paraense e a questão da civilização”, teve como orientadora a Prf^a. Dr^a. Maria de Nazaré Sarges, sendo subsidiado pelo CNPQ e PIBIC/UFPA.

E é em meio a essa discussão que é interessante estudar as ações de um intelectual como José Veríssimo, visto que além de ter deixado vasta obra, foi um homem que pertenceu a alta roda da intelectualidade brasileira, não apenas paraense. Este foi um intelectual que foi reconhecido como intelectual, e acreditamos que isso seja de fundamental importância para compreender as relações que se formam tanto entre os “homens de letras” como entre eles e os “homens da política”. Pois ser reconhecido como intelectual significa ter legitimação dentro das discussões nacionais, significa ter um lugar na sociedade e no imaginário dessa sociedade. E esse lugar é construído cotidianamente, nesse sentido ressaltamos a importância de acompanhar a trajetória desse homem, não que tenha sido uma trajetória única, bem ao contrário, visto que o que nos interessa é perceber a importância de garantir seu espaço e como este é forjado, utilizando para isso os instrumentos do campo simbólico.

Assim, vamos a José Veríssimo.

Nasceu em 1857 na cidade de Óbidos, interior do Pará; teve como pais o Dr. José Veríssimo de Matos, médico reconhecido que chegou a trabalhar com ele no Colégio Americano (VERÍSSIMO, 1888) e como mãe D. Ana Flora Dias de Matos, grande influência na vida de nosso personagem. Começa bastante cedo a traçar o caminho das letras, participando em 1877, do jornal *O Liberal do Pará*, órgão do partido Liberal, e neste contribuía com críticas teatrais e algumas crônicas cotidianas e literárias. Participou, também, de várias outras folhas da região como *A República*, *A Província do Pará*, *A Arena*. Fundou sua própria folha, *A Gazeta do Norte* – essa que se perdeu para o presente³ – e também a *Revista Amazônica* – periódico que possivelmente se assemelha à *Revista Brasileira* editada no Rio de Janeiro. Dedicou parte de sua atenção a causa da educação brasileira⁴, participando no Pará da Sociedade Promotora da Instrução, em 1883, fundando sua própria instituição de ensino, o Colégio Americano, em 1884, e nomeado diretor da Instrução Pública em 1890. Em 1891, logo após a Proclamação da República, muda-se para o Rio de Janeiro e lá participa ativamente do movimento intelectual desse fim de século. Assume a direção da *Revista Brasileira*, leciona no colégio Pedro II, atua na fundação da *Academia Brasileira de Letras* e escreve para vários jornais e periódicos como *Jornal do Commercio*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, revistas *Kosmo* e *Renascença*. Manteve amizade com Machado de Assis e, interessante polêmica com Silvio Romero (VENTURA, 1991). Em 1912 se retira da Academia Brasileira de Letras por não aceitar a entrada de Lauro Miller, que não havia escrito nenhum livro, demonstrando sua insatisfação com a postura adotada pela instituição. Morreu em 1916, na capital da República brasileira.

As *Crônicas Theatrais*, publicação realizada pelo jornal *O Liberal do Pará* em 1878, que num primeiro momento pareceu sem muita importância para as novas diretrizes da pesquisa se revelou um ponto de convergência do pensamento em voga no século XIX. Sua

³ Francisco Prisco, em José Veríssimo: sua vida e sua obra, confirma a fundação de *A Gazeta do Norte* em 1879, “jornal trimestral e liberal adiantado, que pouco durou”, afirmando que não existe nenhum exemplar da folha na Biblioteca Nacional. Em Belém, também não foi encontrado nenhum número do jornal.

⁴ Pensar no papel que esses intelectuais desempenharam nas discussões acerca da educação no Brasil, principalmente no desenvolvimento do pensamento republicano, é um ponto bastante importante para analisar seu movimento e a construção de uma certa identidade de intelectual. José Veríssimo, nesse sentido, possui uma contribuição bastante significativa para esses estudos, sua obra *A educação nacional*, publicada em 1890, apresenta um panorama onde a educação é vista como uma ferramenta indispensável para a construção do Brasil republicano, possibilitando formar cidadãos comprometidos com as causas nacionais. Também chamo atenção para o Colégio Americano, instituição particular fundada por José Veríssimo em 1884, que possibilita pensar, sob que formas este intelectual construía sua imagem de educador e quais as relações como o Intelectual, crítico literário. Como estes homens dialogaram com a educação e fizeram dela, um de seus instrumentos de luta, é uma análise que não coube a esta pesquisa. Devido ao tempo e ao espaço que lhe coube, preferimos optar por outras análises, registrando aqui apenas a importância da discussão e o desejo de realizá-la em breve, em trabalhos futuros.

publicação era geralmente semanal, e correspondia às temporadas de espetáculo do Teatro da Paz, em Belém. Nelas, José Veríssimo comenta os espetáculos apresentados e tece suas críticas sobre a companhia de teatro, os atores e suas atuações, o enredo, e o autor, no entanto ao desfiar o acontecido no palco paraense, o intelectual demonstra claramente seus pensamentos acerca de literatura, de encenação, do que deveria constar na programação teatral de uma cidade como Belém. Um elemento que realmente chama a atenção nessas críticas é uma determinada inquietação com o público, que a seu olhar, lhe parece inculto e mal educado, não sabendo portar-se diante do espetáculo, ou mesmo de não conhecer as peças representadas, ao que parecem essas críticas são dirigidas a uma elite, filha do rápido crescimento econômico ocorrido em Belém, que ocasionou grandes transformações na sociedade paraense. Uma elite que é reconhecida por seus casarões, por suas casas de campo, por seus passeios nas principais praças da cidade e compras nas lojas mais refinadas. Famílias que para serem reconhecidas e identificadas como membros dessa elite precisava *ser vista*, em lojas, praças, em jornais, salões de festas e em noites teatrais.

No entanto, percebemos que este material revela bem mais que o relato ou as críticas acidas de José Veríssimo à atuação dos atores ou a pobreza das peças encenadas. Tais fontes revelam a presença destes homens no ambiente urbano. É interessante pensar que nas cidades estudadas como belle-epoquianas – na Amazônia: Belém e Manaus - as noites teatrais eram verdadeiros espetáculos, onde se reforçava certa identidade de civilização e modernidade, e ser visto e ser reconhecido como participante disto era uma necessidade. Assim, esses eventos funcionavam como encontros sociais, onde as famílias buscavam reforçar seu lugar na sociedade belenense. Mas é importante pensar que essas crônicas, que eram publicadas semanalmente, nos chegam através de um homem que também se fazia presente nessas noites, que também era visto. Percebemos que havia determinados locais na cidade em que a presença desses intelectuais era uma constante, mas constante no sentido de serem lugares comumente freqüentados e lugares que começam a ficar marcados por essa presença. De certa forma, esses homens inscreviam-se no espaço urbano. Como um monumento que é instalado em praça pública e que começa a fazer parte do cotidiano da cidade e de sua população, esses homens se instalam na cidade, sua presença passa a ser percebida e vivida pela população, sua presença, ou seja, a imagem e representação que se constrói a partir dela, passa ser inscrita no imaginário social, passa a fazer parte dele.

Acreditamos ser isso um ponto interessante a ser discutido em trabalhos futuros, pois fornece outros suportes de análise da atuação desses intelectuais, visto que, quando publicam seus escritos em jornais, revistas ou livros eles aparecem sem uma forma definida, apenas como uma entidade, um nome. Mas ao buscarmos sua movimentação eles ganham vida, não apenas para nós, mas para aquela sociedade, eles passam a ser vistos, passam a fazer parte da cidade, o que é fundamental para o processo de reconhecimento e legitimação que necessitavam para realmente existir no campo intelectual.

Mas houve a instrumentalização de outros meios que serviram de legitimação para os homens de letras naquela virada de século. São esses instrumentos que vão definir a face de cada intelectual naquele período, que os distingue entre tantos homens letrados, criando imagem própria, dando personalidade para o discurso e para a presença na sociedade.

Começamos, então, por analisar a função da crítica e das polêmicas literárias na fabricação das imagens desses homens, visto que José Veríssimo foi considerado tanto pela segunda metade do século XIX quanto por todo o século XX como um grande expoente da crítica literária brasileira.

Roberto Ventura, em trabalho acerca das polêmicas literárias do século XIX, afirma que a existência dessas polêmicas se sustenta no sentido da seleção e depuração tanto da literatura como de seus intelectuais, que fizeram das letras a espada para defender o próprio

nome. Ser único no meio de tantos significava ser reconhecido e identificado, ser visto. Pois, “embora os polemistas procurassem enfatizar as oposições, predominavam os caracteres comuns devido à relativa ausência de diferenciação teórica e ideológica até as primeiras décadas do século XX” (VENTURA,1991,p.78.).

José Veríssimo, nesse sentido, tem uma vasta produção intelectual. Durante o período que residiu no Pará, participou de importantes folhas da região, construindo um estilo próprio, bastante inflado com uma ironia ácida característica da pena do intelectual. E aqui vale ressaltar uma análise que percebemos na obra de Veríssimo, pois corremos o risco de cair em generalizações ao afirmar que todos os homens que estavam envolvidos com a crítica literária naquele período a instrumentalizavam para resolver pendengas pessoais, tendo como argumentos opiniões que nem sempre estavam associadas à questões teóricas e literárias.

Durante a pesquisa não encontramos muitas das respostas que poderiam ter surgido em decorrência das opiniões nem sempre simpáticas de Veríssimo. Isso não quer dizer que não houveram, e principalmente que este intelectual não se envolveu e polêmicas literárias no cenário intelectual paraense. Chamamos atenção aqui para o velho problema das fontes que limitam o ângulo da percepção do pesquisador. No período de realização da pesquisa, a biblioteca pública na qual está arquivado os jornais do século XIX, não possuía muitos dos periódicos que existiram naquele mesmo período, o que dificultou perceber a própria relação estabelecida entre esses homens, e principalmente perceber como os escritos de Veríssimo eram recebidos pela intelectualidade e mesmo pela sociedade paraense.

Sabemos que as possíveis respostas a uma opinião - que foram antes publicadas em um periódico - eram respondidas através de outro periódico, assim fica claro que necessitaríamos ter a maior quantidade possível de diferentes folhas do período em questão, o que não ocorreu. Atualmente o CENTUR - Biblioteca Publica Arthur Viana- adquiriu grande parte da documentação referente aos periódicos deste período que estava disponível na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, tendo em projeto paralelo micro filmado todo o período referente ao século XIX e início do século XX da folha *A Província do Pará*, jornal de grande circulação naquele período e que tinha a participação de Veríssimo em suas colunas de crítica. No entanto, mesmo que tais aquisições não tenham nos chegado em tempo hábil, ainda é perceptível grandes lacunas nessa documentação, pois grande parte dos periódicos, principalmente os de pequena circulação não se encontram com a coleção completa, muitos aparecem apenas em seu primeiro numero e daí em diante desaparecem para o pesquisador. Sabemos, que tais problemas são comuns em nosso ofício porém o registramos aqui na tentativa de responder a algumas lacunas que inevitavelmente aparecem no decorrer da pesquisa e que nem sempre são solucionadas satisfatoriamente.

No entanto vale ressaltar a importância destes jornais para compreender a construção do espaço destes homens no Brasil no fim do XIX, visto que os jornais tiveram uma significação, sem dúvida, interessante nesse período, pois garantiam visibilidade para o escritor e também, em alguns momentos, foram a salvação para homens que não conseguiam viver unicamente de seus escritos literários e conseqüente publicação. Paulino de Brito, jornalista presente no cenário paraense da virada do século, ao tratar da imprensa no Pará, afirma ser o jornalismo quase exclusivamente o único representante desta na região, em virtude da representatividade e importância das atividades políticas e mercantis e a necessidade destas de um veículo que acompanhe suas constantes mudanças. (BRITO,1900,p.282-283)

No entanto, é importante lembrar que esses jornais, geralmente filiados a algum partido ou pensamento político, buscavam também se diferenciar dos demais através de sua representação partidária, filosófica, política, literária e mais: se destinavam a grupos específicos de leitores. O intelectual que assinasse seu nome – o elemento mais precioso

para um homem de letras, no qual é depositada toda carga simbólica que o próprio homem representa na sociedade e por meio do qual o Intelectual é identificado e distinguido entre os demais intelectuais – em um periódico estaria vinculando sua imagem a ele e possivelmente assumindo ou apoiando sua postura política. Assim, é importante pensar na utilização dos pseudônimos por parte dessa intelectualidade, pois seu uso dificultava a vinculação do que se publicava com quem o tinha escrito, percebendo-se dessa forma a preocupação com a identidade e o que esta representava nas relações intelectuais. Porém, esses jornais poderiam projetar a imagem desses homens, garantindo-lhes status social por sua vinculação a folha. Como Paulino de Brito afirma, a participação das “penas mais festejadas da época” no periódico *Diário de Belém*, representava o sucesso que a folha possuía na sociedade paraense visto que a colaboração nesta era gratuita. (BRITO, 1900, p. 284-285).

Podemos situar essas folhas no interior de um quadro mais amplo de relações, no qual os acontecimentos políticos e sociais promovem um movimento de interação entre os periódicos, pois para além das polêmicas literárias esses também disputavam um espaço simbólico no campo intelectual. Assim como funcionavam como instrumentos de legitimação de certa parcela da Intelectualidade, percebem-se entraves ideológicos, geralmente de cunho partidário, como mecanismo de luta política e conseqüentemente de voz nas discussões nacionais. Paulino de Brito, quando trata da imprensa paraense, esboça um quadro amplo desse movimento tendo por parâmetro os acontecimentos da história paraense, entre eles: Independência, Cabanagem, restabelecimento da legalidade, Questão Religiosa, Propaganda Abolicionista, Propaganda republicana, Período republicano atual; que proporcionaram a consolidação dessa forma de atuação política e intelectual.

O estudo da produção jornalística é sem dúvida instigante, porém, nosso foco se restringe à análise da imprensa como um instrumento de legitimação fornecido pelo campo intelectual e utilizado por uma parcela dos Intelectuais para garantir-se como membro participante das discussões que envolviam a nação de uma forma geral.

Assim, gostaria de chamar a atenção para uma publicação de Veríssimo que saiu nas folhas de *A Arena*, de Marques de Carvalho, logo de seu lançamento. O conto era *O Crime do Tapuio*, que integra o livro *Scenas da Vida Amazônica*⁵, naquele momento encontrando-se no prelo. Em primeiro lugar, é bom ressaltar que o processo de legitimação é uma via de mão dupla. Qual significação tem para uma folha, que ao dar seus primeiros passos, tem um conto inédito de José Veríssimo? Enorme, levando em conta ser *José Veríssimo* e ser inédito o texto, o que promoveu à *A Arena* destaque e prestígio entre tantos jornais. Mas (percebiam a ênfase deste “mas”), por se tratar de um livro que logo chegaria às livrarias, tendo em conta que se trata de contos e não de crítica literária, forma pela qual Veríssimo é e será conhecido posteriormente, seria interessante tornar parte de seu conteúdo conhecido do público, sensibilizando-o para uma possível compra, não esquecendo que *A Arena* é uma folha exclusivamente literária e que seus leitores têm no mínimo algum gosto pela literatura.

Dessa forma, o jornal no século XIX foi um dos instrumentos mais eficazes para dar visibilidade a esses homens, fazendo com que fossem lidos e, a partir disso, tornarem-se conhecidos, pessoas públicas. O jornal do século XIX possibilitou, portanto, a partir da legitimação que fornecia, que estes intelectuais pudessem utilizar outros instrumentos para fabricar sua imagem como a publicação de livros. Esta, por sua vez, era produzida de maneira escassa e bastante específica, no sentido de ser destinada apenas a quem pudesse custear seu alto preço, ou para aqueles Intelectuais que já tinham um nome no mercado e já

⁵ Segundo *A Arena*, *Scenas da Vida Amazônica* é publicado pela editora Tavares Cardoso & Irmãos. No entanto, só foi encontrada a edição de 1899 publicada pela Typografica Laemmert, do Rio de Janeiro. VERISSIMO, José. *Scenas da Vida Amazônica*. Rio de Janeiro: Typografica Laemmert, 1899.

eram conhecidos do pequeno público leitor, visto que o diminuto grupo que o lê é diretamente proporcional ao quase nulo dos que os escreve. (BRITO, 1900,p.284-285). Percebe-se, então, a importância de se publicar livros, visto que os jornais são efêmeros. Somente o livro garantiria a permanência do autor, pois este não perdia sua atualidade, permanecendo nas estantes ao longo das gerações, dando assim, um caráter eterno não apenas para a obra, mas para seu produtor. (EL FAR, 2000).

José Veríssimo publicou alguns livros no período em que residiu no Pará, alguns deles, como a *Educação Nacional*, *Notícia geral sobre o Colégio Americano* (VERÍSSIMO, 1890; VERÍSSIMO, 1888), são obras que apareceram diretamente como livro, mas a maioria da obra bibliográfica desse intelectual está em uma reunião de artigos que antes foram publicados na imprensa paraense. É o caso, por exemplo, da série *Estudos Brasileiros*⁶, cuja primeira série foi publicada em 1889, reunindo artigos que vão de 1877 a 1885, saídos anteriormente no *Liberal do Pará*, no *Diário do Grã-Pará*, *Revista Brasileira* e na *Revista Amazônica*. Essas obras possuem uma grande significação no campo das letras, ressaltando que o livro não representa somente a permanência da obra, mas também do seu autor. A publicação significa, entre outras coisas, a permanência de um nome, a conservação de uma identidade.

Porém, faz-se necessário pensar sobre os elementos envolvidos na impressão de um livro. As tipografias têm participação fundamental na fabricação de uma obra, que chega da materialidade mais elementar – ortografia, grafia ou pontuação do texto – às escolhas de determinadas obras feitas com visibilidade a um público alvo (CHARTIER, 2002,p.68), e acredito ser essa uma pergunta importante nesse momento: a quem José Veríssimo escreve? Para um suposto povo que não tem acesso a estes escritos, devido ao alto índice de analfabetismo que assola o Brasil do século XIX/XX? Ou para um círculo restrito de intelectuais que em determinados momentos nos levam a pensar que só escreviam para eles mesmos? Ou ainda para uma não tão seleta parcela da sociedade, que detentora do capital e dos meios produção – tanto materiais, quanto simbólicos – assumia o papel dentro da modernidade que a tornava produtora de transformações dentro do espaço urbano, social e econômico das cidades. Nas palavras de Foot Hardman, esse poder burguês forja suas criaturas, mas elas se mostram num olhar mais atento, frágeis e ilusórias (HARDMAN,1998). Será esses *Intelectuais* forjados dentro do submundo da exibição burguesa? Parece exagero? Pensemos que eles utilizam, em determinados momentos, os mesmos mecanismos de exibir-se. *O Pará em 1900*, publicação pelo governo Paes de Carvalho em comemoração ao 4º Centenário do descobrimento do Brasil, possui um caráter altamente propagandístico, onde são perceptíveis as propostas políticas do governo para a região amazônica. O que chama atenção nesta publicação é que, diferente de produções comemorativas⁷, esta não possui iconografias. A cidade de Belém e a Amazônia são

⁶ Entre algumas publicações de Veríssimo, com essa característica temos os já citados *Estudos Brasileiros*, que dispomos de duas séries: VERÍSSIMO, José. *Estudos Brasileiros* (1877-1885). Pará: T. Cardoso, 1889 e VERÍSSIMO, José. *Estudos Brasileiros* (1889-1893). Rio de Janeiro - São Paulo: Laemmert, 1894; as três séries de *Homens e Coisas Estrangeiras*: VERÍSSIMO, José. *Homens e cousas Estrangeiras*(1899-1900). Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902; VERÍSSIMO, José. *Homens e Cousas Estrangeiras* (1901-1902). Rio de Janeiro: H. Garnier, 1905 e VERÍSSIMO, José. *Homens e Cousas Estrangeiras* (1905-1908). Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910. E *O Livro Cenas da Vida Amazônica*, onde encontramos contos e esboços sobre a cultura e populações amazônica, segundo a biografia de Ignácio Veríssimo (VERÍSSIMO, Ignácio José. José Veríssimo visto por dentro. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.) foram publicadas no *Liberal do Pará*, mas encontramos também encontramos o conto “O crime do Tapuio” nas primeiras edições do Periódico “A Arena” já citado no presente artigo VERÍSSIMO, José. *Scenas da Vida Amazônica*. Rio de Janeiro: Typografica Laemmert, 1899.

⁷ O *Álbum* de 1899, também do governo Paes de Carvalho, possui uma estrutura bastante diferente do de 1900. Há muitas fotografias, tanto da cidade como de sua elite e não apresenta a participação de tantos intelectuais.

retratadas pelos seus *Intelectuais*⁸. São eles que dão legitimidade para a proposta. Porém, no momento em que tal é sugerido para um público específico – países europeus e imigrantes estrangeiros interessados em povoar e fazer a vida – esses mesmos homens ganham o status de *Intelectuais da Amazônia*, passando a exibi-la no centro das discussões modernas e conseqüentemente exibir-se como representantes dessa Amazônia fantasmática que se produziu nas discussões do século XIX. Uma Amazônia fabricada pela pena e intervenções urbanas, fabricada nas práticas culturais instituídas e nos costumes renegados, num povo imaginado e num povo retirado dos centros urbanos. O que é interessante é que esses homens, ao fabricarem sua imagem, fabricam as causas que os tornam necessários para a sociedade, seja como pensador de propostas para engrandecer a região, seja como porta-voz da cultura letrada do país, seja como peça fundamental da engrenagem que construirá o suposto Brasil do progresso, da civilização e da modernidade.

Foram analisadas obras de José Veríssimo, como *Interesses da Amazônia* (VERÍSSIMO, 1915), obra publicada em 1915, no período de residência deste intelectual no Rio de Janeiro. Como foi esclarecida em outra parte deste relatório, grande parte da obra de Veríssimo são publicações em periódicos que posteriormente são reunidas em livros, *Interesses da Amazônia* foi primeiramente publicada entre os anos de 1914 e 1915, nas páginas do *Jornal do Comércio* e em seguida sai do prelo do mesmo jornal em forma de opúsculo.

Nessas páginas José Veríssimo se porta como verdadeiro filho da terra, preocupado com os caminhos que vem percorrendo a região e principalmente portando-se como um estudioso da causa amazônica e porta-voz dos problemas e possíveis soluções. É importante ressaltar que José Veríssimo demonstra um profundo conhecimento sobre ela, um conhecimento que necessitava ser reconhecido não somente pelo Pará, mas pelo Brasil, era necessário fortalecer sua identidade de intelectual amazônico, o que lhe garantiria *status* e reconhecimento públicos, além de espaço nas discussões nacionais e regionais.

A análise de tal obra aponta para várias propostas de reconstrução da economia amazônica, como alternativas de agricultura e pecuária retirando a enorme importância e dependência da região para com a borracha. A implantação de mão-de-obra imigrante, para suprir a falta de mão-de-obra local, o que gera uma problemática importante neste projeto acerca do povoamento da região e que perpassa não somente outros pensamentos intelectuais, mas também políticas públicas realizadas na região. Essas são discussões que se fazem presente em grande parte das obras de Veríssimo destinada às questões amazônicas, entre elas temos *Problemas Amazônicos* e *A Amazônia*, esta publicada pelo *Jornal do Brasil* em 1902.

Foram analisados também os contos literários escritos por este autor que compõem o livro *Scenas da Vida Amazônica* (VERÍSSIMO, 1899), publicado em 1899. Em tais obras, o autor pretende mostrar a realidade do amazônida, sua condição de vida e seus hábitos culturais, percebemos a visão que este homem possui de sua região e de seu povo. Sua relevância se observa no momento em que José Veríssimo constrói seus personagens, suas características e personalidades, descreve as cenas enfatizando a beleza e riqueza da região, como no conto “O Crime do Tapuio”, onde o personagem principal é preso sob acusação de matar uma menina de nove anos após retirá-la da casa de uma velha doente, mãe de seu padrinho, onde era empregada e mal tratada. No decorrer do conto nos é

⁸ O Álbum é constituído com a participação do Barão de Sant’Anna Nery, que se dedica a Introdução, o Barão de Marajó com a Geografia física, Dr. Emílio Goeldi dedicando-se a secção sobre Reinos da Natureza, Gonçalo Lagos que por sua vez assina o artigo sobre “Meteorologia e Climatologia”, J. Godinho “Natalidade, Nupcialidade e Mortalidade”, Américo Campos o artigo referente á “Higiene e Patologia medica no Pará”, “Geografia Política do Pará” a cargo de Inácio Moura, Artur Vianna com “Noticias Históricas” e por fim Paulino de Brito com “Imprensa no Pará”.

revelado que o protagonista não matou a menina, mas a retirou da casa da velha para levá-la ao encontro de seus pais que não sabiam em que condições a pequena vivia. É interessante pensarmos nas características psicológicas desse personagem que representa o índio da Amazônia, e estabelecer as possíveis relações com os estudos etnográficos não apenas de José Veríssimo, mas de outros intelectuais que se debruçam sobre esse assunto. Na obra citada acima, *Interesses da Amazônia*, Veríssimo defende o índio da indolência e preguiça, e afirma que a região não explora todas suas capacidades de produção por falta de povoamento. É interessante perceber o movimento de determinados intelectuais no sentido de valorizar a região e todos os seus elementos, como o clima, o solo, as riquezas naturais, e qual imagem de seu povo deveria ser legitimada; o tapuio em questão é um homem valoroso, corajoso e que não temeu perder sua liberdade para salvar a pequena Benedita.

Essa é uma obra que nos instiga a pensar em várias questões acerca da identidade da Amazônia, dos problemas e esperanças. Ao se remeter para a realidade do seringal Veríssimo se mostra bastante lúcido com relação aos papéis desempenhados seja pelo aviador, pelo seringalista, pelo seringueiro e sua família. O que nos compele a investigar os motivos que o levaram a escrever tal obra, os discursos dissonantes e consoantes no período a respeito da exploração da borracha e da situação dos elementos envolvidos.

Uma obra que em muitos momentos apresenta clara crítica as instituições e poderes públicos, que busca definir determinados elementos da cultura da região e que inevitavelmente dialoga com o campo literário e político do século XIX.

Uma importante documentação que nos fez refletir a respeito dessas relações e da importância simbólica de determinado intelectual em determinado momento foram os Álbuns comemorativos do Governador e da Intendência paraense⁹, neles percebemos que há uma tentativa de construir uma região que estivesse atenta com aquelas idéias já tão comentadas aqui, de modernidade, civilização e progresso. Para isso, muitos elementos da Amazônia e principalmente da cidade de Belém são revisitados, são *reinventados* para que com uma nova representação e significação social e simbólica fizessem parte daquele período que buscava simbolizar o “novo” e deixar para trás tempos antigos.

Gostaria de enfatizar aqui a construção do Clima desta região, construção pois foi necessário criar um clima, fabricá-lo, destruir os “conceitos antigos que de ruim fama cercavam o vale do Amazonas quanto ao seu clima” (PARÁ, 1899). Mesmo que se aceitasse a idéia de que o clima do Pará fosse “quente e úmido” (PARÁ, 1908), o que se percebe era a preocupação em ressaltar que “a sua temperatura não sobe jamais a altura termométrica de muitas cidades da Europa em pleno verão”. Observamos, nesse sentido a necessidade de transformar uma região que durante todo o processo de colonização foi vista como extraordinária, sendo para o maravilhoso ou para o infernal, e essas idéias de certa forma estavam incrustadas na forma de perceber a Amazônia, na forma de percebê-la de fora.

Assim, não havia problema em se concordar que era um clima quente, mas para o espectador que assiste a exibição ao longe era necessário ressaltar que esse calor é absolutamente “suportável por ser muito suavizado pelas chuvas, pela proximidade dos rios e pelos ventos alisados, que sopram constantemente.” (PARÁ, 1908), era necessário afirmar que no Pará é sim possível viver bastante, “os casos de longevidade são vulgares em todos os pontos do Estado”. E para legitimar essa retórica chamaram-se importantes personalidades que possuíam o respeito e a legitimação social necessária para dar credibilidade a essa tentativa de desconstruir os pré-conceitos a respeito do clima da região.

Dr. João Severiano da Fonseca foi um dos homens convocados para se fazer presente nesses álbuns, e para com sua presença dar força a tentativa, naquelas páginas que

⁹ Utilizamos para fazer a pesquisa os três álbuns, *O Pará em 1899*, *O Álbum de Belém em 1902* e *Álbum do Estado do Pará*, cuja referência completa se encontra no fim deste relatório.

seriam distribuídas ao mundo dito moderno do início do século XX, sua voz era a seguinte: “o Pará apesar de situado abaixo do equador, é muito menos cálido, como é muito mais salubre do que geralmente pensam os que não conheçam ou apenas tem-no visto de passagem, e deduzido a priori pelos dados de uma observação superficial”.

José Veríssimo também foi convocado, mas é importante perceber como ele é chamado àquelas páginas. Sua presença é no Álbum do Pará em 1899, e ressalta-se aqui que nessa época Veríssimo já se encontrava no Rio de Janeiro há cerca de oito anos. O que nos chamou atenção foi o fato de no álbum haver a afirmação de que este intelectual conseguiu destruir de vez os conceitos antigos e cheios de preconceitos a respeito do clima amazônico. E é importante ressaltar que a obra que garantirá esse status a José Veríssimo, e o colocará mais uma vez entre uma elite intelectual que não pode ser pensada separadamente da discussão política do Brasil naquele momento, são os escritos *Interesses da Amazônia* – já tratados aqui – estes publicados no Rio de Janeiro, e por isso tendo circulação nacional, visto a importância política daquela cidade para a República brasileira da virada do século.

Assim, finalizamos este artigo ressaltando que as mudanças ocorridas no desenvolvimento do projeto foi no sentido de perceber que para entender a relação existente entre o dito campo intelectual e o campo político, precisamos compreender como estes se formam simbolicamente, quais os elementos que dão status para determinado homem que o tornara único e diferente dos muitos outros intelectuais que pareciam tão iguais aos olhos da sociedade. Com isso, finalizamos afirmando que o processo de legitimação social é um importante instrumento político e que precisa ser estudado em suas formas mais difusas, nas formas mais comuns, pois são elas que cristalizam mitos e personalidades, são elas que monumentalizam idéias e imagens no imaginário social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRITO, Paulino de. *A Imprensa no Pará*. In: O Pará em 1900: quarto centenário do descobrimento do Brasil. Pará: Imprensa de A. A. Silva, 1900.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da Imortalidade: uma análise da academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

PARÀ, Governador (1897-1909: J.P. Carvalho). *Álbum de Belém em 1899*, 1899.

PARÀ, Governador (1897-1909: A. Montenegro). *Álbum do Estado do Pará*. Chaponet, 1908.

PRISCO, Francisco. *José Veríssimo: sua vida e suas obras*. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1937.

VERISSIMO, José. *Interesses da Amazônia*. Rio de Janeiro: Typographica do *Jornal do Comercio*, 1915.

VERISIMO, José. *Scenas da Vida Amazônica*. Rio de Janeiro: Typografica Laemmert, 1899.

VERISIMO, José. *A Educação Nacional*. Pará: T. Cardoso, 1890.

VERISIMO, José. *Notícia Geral sobre o Collegio Americano*. Pará: Collegio Americano, 1888.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: historia cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.